

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
SIAMO DONNE – DIVAS DO CINEMA ITALIANO
9 e 10 de Novembro de 2021

IL PROCESSO DI VERONA / 1963

um filme de Carlo Lizzani

Realização: Carlo Lizzani / **Argumento:** Sergio Amidei, Luigi Somma, Ugo Pirro / **Fotografia:** Leonida Barboni / **Montagem:** Franco Fraticelli / **Guarda-Roupa:** Giulia Mafai / **Música:** Mario Nascimbene / **Com:** Silvana Mangano (Edda Ciano), Frank Wolff (Galeazzo Ciano), Françoise Prévost (Frau Beetz), Vivi Gioi (Rachele Mussolini), Claudio Gora (juiz Cersosimo), Henri Serre (Marquês Cosma), Salvo Randone (Procurador Fortunati), Giorgio De Lullo (Alessandro Pavolini), Andrea Checchi (Dino Grandi), Ivo Garrani (Roberto Farinacci), Filippo Scelzo, Umberto D'Orsi, Gianni Di Benedetto, Andrea Bosis, Gennaro Di Gregorio.

Produção: Duilio Coletti para Duilio/Orsay (Itália, França) / **Cópia:** em 35mm, preto e branco, legendada electronicamente em português / **Duração:** 118 minutos / **Estreia comercial:** 2 de Março de 1963, Itália / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

Obra de ficção baseada num acontecimento histórico real, **Il Processo di Verona** surpreende de entrada pelo modo como mescla imagens de arquivo da época com os acontecimentos reescritos por Carlo Lizzani, que dirige aqui um dos seus mais importantes dramas históricos, conhecido pela relevância dada a uma fidelidade aos factos. Em 1943 o Grande Conselho Fascista havia votado pelo afastamento de Mussolini do poder. Uma acção que decreta o fim do seu governo e precipita a ocupação de Itália pelos alemães, que acabam por colocar Mussolini à frente da República Social Italiana. A maior parte dos votantes fugiu, mas, num claro acto de vingança, seis foram presos e julgados por traição, entre os quais o genro de Mussolini, o Conde Galeazzo Ciano, que entretanto se apercebeu do clima de ódio que o seu gesto gerou à sua volta.

Baseando-se em importantes fontes da época, como documentos históricos, diários, ou memórias pessoais, Carlo Lizzani retoma vinte anos depois este episódio da história italiana para o narrar do ponto de vista do genro de Mussolini, que seria condenado à morte, e da sua mulher, Edda Mussolini Ciano. Reconstituição da prisão e sentença de morte do Conde Ciano, **Il Processo di Verona** acompanha as várias diligências levadas a cabo por Edda Ciano com vista à sua libertação, desde o momento da detenção do marido numa prisão em Verona. Um drama de prisão que rapidamente se transforma num filme de tribunal, quando acompanhamos o

juízo e as tentativas de Edda para evitar o seu trágico desfecho. Curiosamente, é apontado que a crítica italiana da época várias vezes sublinhou o facto de o retrato de Conde Ciano ser demasiado simpático e “humano” tratando-se de quem era, num filme realizado, aliás, contra os desejos e os esforços da família de Mussolini, que tudo fez para o impedir.

Uma obra que conta com uma excelente Silvana Mangano no papel de Edda, que nos devolve uma interpretação admirável, ultrapassando assim o filme a sua faceta de mera reconstituição histórica. O telefonema final de Edda ao pai face à sentença do marido, é um impressionante monólogo que reforça a ausência da figura física de Mussolini ao longo de todo o filme e que valeu a Mangano vários prémios de melhor actriz.

Carlo Lizzani voltaria a este assunto e a Mussolini num filme que realiza cerca de dez anos depois, **Mussolini: Ultimo Atto** (1974), em que acompanha os últimos momentos do ditador fascista, quando este em Abril de 1944 tenta fugir para a Suíça, tendo sido capturado. Uma ficção com Rod Steiger no papel de Benito Mussolini. Dois filmes que confirmam o percurso de Lizzani que, de antigo crítico e de argumentista – que muito contribuiu para a afirmação do neo-realismo –, se passou a dedicar a um cinema politicamente empenhado que aborda temas fundamentais da história italiana como, neste caso, o fascismo, e que do documentário depressa passou para um cinema de ficção que mobiliza a sua formação marxista anterior em narrativas históricas que reconstituem episódios da vida italiana.

Em **Il Processo di Verona** a crónica dos acontecimentos é acompanhada por algumas sequências de arquivo que funcionam como complemento às partes reconstituídas ficcionalmente, numa clara estratégia de busca de verosimilhança que encontra o seu eco na sequência do fuzilamento final que, ao ser encenada para as câmaras presentes na imagem, reforça meta-discursivamente a encenação que presidiu ao próprio juízo.

Joana Ascensão